

Quebec

Quebec é a capital do Baixo Canadá, e de todo o Canadá, na America do Norte. Está assente na extremidade da lingua de terra formada pela confluencia do rio de S. Lourenço com o de S. Carlos, a distancia de 100 leguas do golpho de S. Lourenço. É banhada pelo rio de S. Lourenço ao Sul, e ao nascente, e pelo rio de S. Carlos ao Nordeste. Na extrema meridional da cidade alevanta-se o Cabo Diamante, que tem 340 pés de altura acima do rio; d'este cabo estende-se para o norte uma linha fortificada, que fecha ao poente o terreno em que está edificada a cidade, na circumferencia de uma legoa.

Esta cidade pôde ser considerada como fortaleza da primeira ordem, tanto por causa das obras de fortificação que a circumdam, como por causa da cidadella, chamada castello de S. Luiz, a qual, pela sua posição no cume do Cabo Diamante, em torno do qual ha um precipicio de mais de 200 pés de profundidade, e pelas numerosas obras que prendem com as fortificações da praça, a torna quasi inexpugnável.

Quebec está dividida em duas partes muito distinctas: a cidade baixa, e a cidade alta. A primeira está acima da segunda quasi 15 pés, e é separada d'esta por uma linha de rochedos alcantilados, do Sueste ao nordeste, desde o Cabo Diamante até ao rio de S. Carlos. A cidade baixa está construida em um terreno que outrora era occupado pelas aguas nas grandes marés; mas fôram construidos cáes, nas partes mais baixas, para impedir a irrupção das aguas, e alevantaram-se obras solidas para a abertura de ruas. A communicação da cidade baixa com a cidade alta faz-se por meio de uma rua inclinada, no cimo da qual ha uma porta fortificada.

Quebec avulta em bellos e grandiosos edificios publicos. — O seu porto é vasto; pôde conter cem náus de linha; tem de profundidade 28 braças. — O clima de Quebec é muito frio no inverno; no entanto o rio não gela todos os annos.

Querem alguns que o nome de Quebec se deriva de outro algonquino que significa *contractão*, alludindo ao estreitamento do rio de S. Lourenço que ali se nota; outros, porém, supõem que tal nome vem da exclamação franceza — *Quel bec!* — em allusão á ponta de terra em que a cidade foi edificada.

A historia de Quebec é uma série de combates entre francezes e inglezes, tendentes a conquistar e reconquistar aquella cidade, originalmente fundada pelos primeiros. Ultimamente ficou na posse dos inglezes.

A SCIENCIA DA LINGUAGEM

I

(Continuado de pag. 255)

Foi Paulino de S. Bartholomeu, carmelita allemão, quem publicou em Roma, em 1790, a primeira grammatica sanserita que appareceu na Europa. Seis annos antes haviam os inglezes fundado a Sociedade Asiatica de Calcutta. A contar d'esse tempo principiam a publicar-se, já simultaneamente, já isolados, os trabalhos de William Jones, Wilkins, Carey, Colebrooke. Foi tão forte a commoção que abalou o espirito dos homens de sciencia, quando viram apparecer uma lingua mais antiga do que a hebraica, e em redor da qual se iam agrupar as que esta não podera ex-

plicar, que muitos se recusaram a admittir a sua authenticidade, e que o celebre philosopho escossez Dugald Stewart chegou a negar-lhe a existencia, e escreveu um livro para provar que a lingua e a litteratura sanscrita tinham sido fabricadas seguindo o modelo do grego e do latim pelos astuciosos brahmanes. Não tardou muito que a verdade não occupasse o lugar que era seu, e que se não vissem brilhar os nomes de Fr. Schlegel na Allemanha e de Chézy (1) em França, depois os de W. Schlegel, que foi como o *agitador* do sanscritismo, os dos dois Humboldt, de Grimm, de Wilson, e de Bopp (2), que pelos seus trabalhos de analyse tem o primeiro lugar entre todos, e é o mestre a quem terão ainda por muito tempo de pedir as suas primeiras lições os que entram n'esta ordem de estudos.

A missão da geração nascida com este seculo tem sido completar a obra começada pelos homens, cujos nomes eu acabei de citar; e ella coroou o edificio graças aos dois descobrimentos, quasi simultaneos, da lingua do Veda, que nos fornece o sanscrito sob a sua forma mais antiga, e do zend em que são escriptos os livros sagrados da Persia. Foi só em 1833 que se principiou a saber alguma coisa a respeito dos textos dos hymnos vedicos, devida ao specimen de vinte e sete paginas publicado pelo sabio Rosen. (3)

Foi n'esse mesmo anno que appareceu a grande obra de Eugenio Burnouf acerca d'um dos livros de Zoroastrô, commentario de que resultou não só o conhecimento d'uma das linguas mais importantes da antiguidade, mas tambem o provar-se por um exemplo brilhante a certeza das leis e dos principios já estabelecidos pela philologia comparada, porque Burnouf obteve a traducção e reconstrucção grammatical do zend, applicando estas leis a um idioma quasi desconhecido até então. Adquirio-se a possibilidade de reconhecer as épocas relativas da maior parte das linguas da Europa e da Asia, de demonstrar a sua origem commum, de as comprehender sob denominações geraes, finalmente de estabelecer que ellas são independentes entre si e a respeito das linguas semiticas.

A grande maioria dos nomes que eu citei sobrelevam de muito a todos os do nosso periodo, mas a geração actual tambem conta nas suas fileiras homens, e o seu numero não é pequeno, que tem contribuido, ou contribuem ainda, para a construcção do grande edificio.

Basta dizer, para se conhecer a grandeza dos estudos philologicos feitos ha quarenta annos a esta parte, e a energia necessaria para os levar a cabo, que a rede de linguas e dialectos que envolve a terra tem sido desfeita malha por malha, que poucos são aquelles de que não pos-

suamos conhecimentos sufficientes, que este estudo abrange não sómente os dialectos vivos, mas tambem os que se perderam e de que apenas ha restos, que se tem analysado n'estes idiomas, e tanto dos barbaros como dos mais perfeitos, um numero incalculavel de palavras, que estas analyses tem sido comparadas entre si, e que, com poucas excepções, está quasi terminada a classificação natural das linguas. Podemos já hoje encarar este vasto quadro e estudal-o no seu todo e nos pormenores, e seguir a passo e passo a formação da linguagem desde o seu primeiro balbuciar. Quem abriu o caminho n'esta obra immensa do nosso seculo foi a Inglaterra; a França contribuiu com um ou dois homens superiores; a Allemanha—e principalmente a Prussia—tem feito o resto. Foi na Allemanha que nasceu o sr. Max Muller, e é a este sabio, que esteve aqui em França ha muito tempo e que nós não soubermos conservar, que a Inglaterra concedeu a palavra, e a mais generosa hospitalidade. Não posso ver sem tristeza o pouco que o nosso paiz faz em favor d'uma sciencia cujo valor não tardará muito que se conheça, por um genero de estudos que devia occupar o primeiro lugar no nosso ensino superior, que lhe deveria uma vida nova, e de cujo gremio elle parece banido para sempre. N'isto, tambem, seremos nós, como alguns pretendem, a primeira das nações do passado?

II

Depois dos dois ou tres mil annos de elaboração, cujas épocas principaes nós indicámos, o estudo da linguagem chegou, finalmente, ao estado de sciencia. No ponto que elle attingio, é uma sciencia inductiva como a physica e a physiologia, e entra, como estas, na classe numerosa das sciencias de observação. Já não é simplesmente a grammatica, como nol-a ensinavam na infancia, isto é, a arte de fallar e escrever correctamente; é um estudo theorico.

Entre elle e a grammatica ha a mesma differença que entre a medicina, que cura, e a physiologia, que estuda as leis da vida nos corpos vivos. Insisto n'este ponto para que desapareça qualquer illusão a este respeito. Ha pessoas que imaginam que a philologia comparada, comprehendendo no seu dominio um grande numero de linguas, deve ministrar-lhes um meio prompto e facil de as aprender a todas. É um erro isto: porventura dá-nos a chimica o conhecimento immediato d'um corpo novo que se nos apresenta? não; mas offerece-nos os meios de o analysar com certeza, de conhecer os seus elementos, de o classificar n'uma determinada cathegoria, e muitas vezes a faculdade de o reproduzir. D'estes conhecimentos theoricos, cuja acquisição não se faz sem trabalho, podemos tirar processos economicos e seguros, para utilisarmos este corpo nas necessidades da vida. Dá-se o mesmo com a sciencia da linguagem: o seu fim não é facilitar o estudo de qualquer lingua ao que a quer aprender para seu uso; mas o conhecimento analytico da linguagem e das leis que presidem á formação das linguas permite muitas vezes o analysar uma palavra d'uma dada lingua, trazer-a á sua origem, e reconhecer a maneira por que ella se formou. O que possui estes conhecimentos póde muito bem depois aprender uma

(1) Max Muller omittio na sua obra o nome de Chézy, para quem se fundou a cadeira do Collegio de França, e cujas lições não foram inuteis aos eruditos allemães.

(2) A obra mais notavel de Franz Bopp e que tem por titulo: *Grammatica comparada das linguas sanscrita, zend, grega, latina, lithuana, slava antiga, gothica e allemã*, está sendo traduzida em França por um distincto professor, Miguel Breal. Até agora conheço já publicado um volume in-8.º

(3) A publicação do texto completo do Rigo Veda foi feita posteriormente por Max Muller, e a traducção franceza é de Langlois, do Instituto.

lingua que não lhe fôr conhecida, e até restituir o sentido a idiomas perdidos de que não haja senão os monumentos escriptos; mas isto não são senão applicações da sciencia, e não a sciencia considerada em si. Exigir d'uma sciencia coisa differente do seu proposito, fazer da philologia comparada uma grammatica pratica universal, é não só desconhecer-lhe a natureza e o alcance, mas tambem deprecial-a expondo a desenganos inevitaveis os que a cultivarem para a applicarem a estudos d'outra ordem. A sciencia pura é superior ás applicações. O fim d'estas é poupar-nos o tempo, e facilitar-nos o trabalho; mas como este, aos olhos do homem pensador, não deve ter por fim supremo senão o progresso da intelligencia, vê se que as applicações da sciencia revertem, afinal, em seu proveito, e que o mais curto é caminhar directamente para ella, convencidos de que nada se póde comparar á sua valia.

(Continúa)

ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

VIII

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

Montesquieu. De l'espr. des lois. XX 2.

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

M. Henri Richelot. Dict. Gén. de la Pol. éb. — Commerce.

Em um trabalho, de primeira ordem, de J. P. Pagés, que um apreciador competente caracteriza de — *savant exposé*, encontramos, a respeito do commercio, luminosos principios, e reflexões muito ponderosas, que julgamos dever apresentar aos leitores, como objecto que são de util curiosidade.

Muito em resumo, porém, apresentaremos esses principios e reflexões, dando aliás á exposição d'elles um geito acomodado ao plano que adoptámos, e acrescentando-lhes o que se nos affigurar ser indispensavel.

— São instrumentos immediatos do commercio, como é obvio, os negociantes (commerciantes, mercadores); os donos de navios — que os trazem occupados em navegação mercantil, os arráes, e os canteiros; os banqueiros e os cambistas: as praças de commercio, ou bolsas, os bazares, etc.; os corretores, os commissarios, as empresas de transporte terrestre e aquático. Cada uma d'estas entidades exerce uma acção especial, e representa um papel mais ou menos importante na vida e movimento do commercio; e do complexo dos actos e esforços das mesmas resulta a realisação das transacções mercantis em toda a sua extensão, desenvolvimento e variedade.

Antes de passarmos a outra consideração, cumpre que nos inteirêmos das definições que o Codigo de Commercio Portuguez apresenta de algumas das entidades indicadas:

Commerciante é voz genérica, que comprehen-

de os banqueiros, os seguradores, os negociantes de commissão, os mercadores de grosso e retalho, e os fabricantes ou empresários de fábricas — no que respeita á direcção d'ellas e venda dos artigos fabricados. Art. 35, conf. com o art. 34.

Negociante, em geral, é synonymo de commerciante; porém toma-se restrictamente pelo que professa commercio externo. E quando o seu tráfico predominante é de *commissões*, chama-se *negociante de commissão*, ou *commissario* propriamente dito. Art. 36.

Quer os *negociantes*, que se empregam em especulações no estrangeiro, quer os *mercadores*, que limitam o seu tracto e mercancia ao reino, são *commerciantes*, ou se empreguem n'um só, ou em diversos ramos de commercio ao mesmo tempo. Art. 93.

O mesmo Codigo declara sujeitos ás leis commerciaes, como agentes auxiliares empregados no commercio, e com relação ás operações, que n'essa qualidade lhes respeitam: 1.º os *corretores*; 2.º os *feitores*; 3.º os *caixeiros*; 4.º os *commerciantes de transporte*; 5.º os *recoveiros*. Art. 100.

São *banqueiros* não só os commerciantes, que se dedicam exclusivamente ao negocio de banco e transacções sobre seus arbitrios, mas os que estabelécem caixa e escriptorio fixo, em que recebem sommas em guarda, e d'ellas fazem pagamentos por ordens e cheques, mediante uma commissão, ou sem ella. Art. 87. Pódem fazer o commercio de banco de conta própria, ou de commissão. Art. 88. A Carta de Lei de 30 de julho de 1860, quando designa as profissões sujeitas á *contribuição industrial*, chama *banqueiro* ou *capitalista* o que habitualmente desconta letras ou outros papeis de crédito; compra e vende fundos publicos; faz empréstimos; recebe e paga por conta alheia; ou tira rendimento do emprego ou aluguel de capitães por meio de outras quaesquer transacções de semelhante natureza.

Praça de Commercio ou *Bolsa* é não só o local, mas a reunião dos commerciantes, capitães e mestres de navios, corretores, e mais pessoas empregadas no commercio. Art. 97.

As operações dos *corretores* consistem em comprar e vender para seus committentes mercadorias, navios, fundos publicos, e outros créditos, letras de cambio, livranças, letras da terra, e outras obrigações mercantis; em fazer negociações de descontos, seguros, contractos de risco, fretamentos, empréstimos com penhor ou sem elle; e em geral, em prestar o seu ministerio nas convenções e transacções commerciaes. Art. 103. Instruir os commerciantes (diz o sr. Forjaz, annotador do Codigo) do favor ou desfavor das operações mercantis, levar e trazer d'uns para outros com inteiro segredo as propostas de transacção, facilitar o commercio por meio d'uma mediação imparcial, são o caracter do corretor.

O empresario d'um estabelecimento, que se encarrega do transporte de mercadorias por terra, canaes ou rios, chama-se *expedicionario* ou *commissario de transportes*. Quando elle mesmo preside á recovagem, chama-se *recoveiro*, e são os empregados seus os *barqueiros*, *carreteiros* e *almocreves*, que o representavam. Art. 170.

— Disse-se já que os agricultores são o unico instrumento da produção; mas a razão dictava e a experiencia confirma que a industria produz

muito mais do que a agricultura. — Os industriaes viéram allegando que o commercio nada produz per si mesmo; mas esqueceram-se de tomar em linha de conta o beneficio da differença que a mudança de localidade opéra no preço de um determinado género, e o valer do transporte das mercadorias; esqueceram-se de attender a que o commercio, e só o commercio, dá a todos os productos uma realidade de valor, por ser o commercio quem os vae levar aos consumidores. — Acabem, pois, essas velhas e desatinadas rivalidades, — e tenhamos como principio assentado e incontroverso, que a agricultura, a industria, o commercio são os factores communs da riqueza privada e publica.

Se a industria produz mais do que agricultura, por quanto a sua área de acção é mais vasta do que a d'esta ultima; é comtudo certo que os productos superabundantes de uma e de outra ficariam sem valor, se o commercio não se encarregasse de os ir permutar nas localidades — onde ha falta d'elles.

Tambem se disse que o commercio não é uma operação de troca, mas sim e propriamente a de transporte de mercadorias de um para outro lugar. — Se isto assim fôsse, observa Pagès, a carretagem constituiria essencialmente o commercio. — A verdade, porém, é que o commercio consiste na troca, e que o transporte é apenas o instrumento do commercio. O commerciante acrescenta ao valor da mercadoria o preço do transporte; mas o lucro que auferê, consiste na differença do valor de um mesmo género nos logares onde superabunda e é comprado, para o que vem a ter nos logares onde falta e é vendido.

As distincções — aristocraticas — entre a agricultura, a industria, e o commercio, são velharias que a razão não admite já hoje. Esses preciosos elementos são todos igualmente merecedores de qualificação honrosa: as riquezas que produzem — são antes o resultado do concurso de seus trabalhos reunidos, do que do esforço especial e privativo de cada um. Sem agricultura, não ha industria; sem industria, não ha commercio.

O commercio especial, interno ou externo, de importação ou de exportação, é o que produz maior utilidade. As mercadorias são melhores, mais bem sortidas, menos caras, quando cada negociante se consagra a um só ramo de commercio. O commercio especial augmenta as probabilidades de lucro, e diminue, senão destrôe, as probabilidades de perda.

O commercio interno merece preferencia sobre todos os outros: é o unico, que pertence verdadeiramente á nação, o unico duradouro, e o mais productivo. Não está sujeito a catastrophes imprevistas, nem a interrupções longas: gôsa sempre da maior independencia, porque só necessita de protecção do próprio governo: coopéra mais directamente para o bem geral e para a moralidade nacional, porque emprega maior numero de individuos, — não os arrancando ao seu paiz, nem á sua familia, e porque o amor da patria e as virtudes domesticas não vão extinguir-se ao longe na mistura de nações inimigas ou corruptas.

No entanto, note-se bem, estas qualidades recommendaveis do commercio interno não ex-

cluem as vantagens próprias e incontestaveis do commercio externo. Este ultimo é o grande eixo em que giram as riquezas publicas, quando a civilisação está fortemente adiantada. Se não existisse o commercio externo, limitar-se-hia a produccão ás necessidades do consumo local. O commercio externo excita a produzir o superfluo, — e este, por effeito da exportação, vem a tornar-se o necessario das nações estrangeiras. Desfarte, obriga todos os paizes a produzirem superabundantemente; e occasionando trocas continuas, que nem o tempo, nem o espaço estorvam, lêva a todos os logares immensos capitaes, que afinal sustentam, vivificam e engrandecem o commercio interno.

Se o commercio interno é um meio feliz de moralidade, o commercio externo é um poderoso instrumento de civilisação. Mais forte, irresistivel — mais do que a espada dos heroes e do que o sceptro dos reis, arreanessa a Europa inteira á liberdade; civilisa a America — que as victorias dos conquistadores assolaram outr'ora; remôça a antiga e estacionaria civilisação do Indostão; e conduz a humanidade ás inhospitas costas da Africa.

As nações que desejarem (e qual d'ellas não o desejará!) alimentar um grande e proveitoso commercio externo, devem promover dentro do seu territorio o mais largo desenvolvimento da agricultura e da industria, e fomentar com o maior desvêlo o commercio interno.

Em quasi todos os paizes se estabelêce uma grande cidade central, que chama, atráe, absorve e devora todos os proveitos da produccão. As cidades, onde os governos têm a sua séde, são mais que capitaes, são metrópoles, que monopolizam todas as transacções commerciaes, e reduzem as provincias a condição de colonias. Qual deve ser, n'este particular, o cuidado dos governos? A razão o está dictando: cumpre-lhes pôr todo o empenho em levar a vida a todos os pontos do paiz, — que não só a essas descommunhaes e monstruôsas cabeças dos Estados.

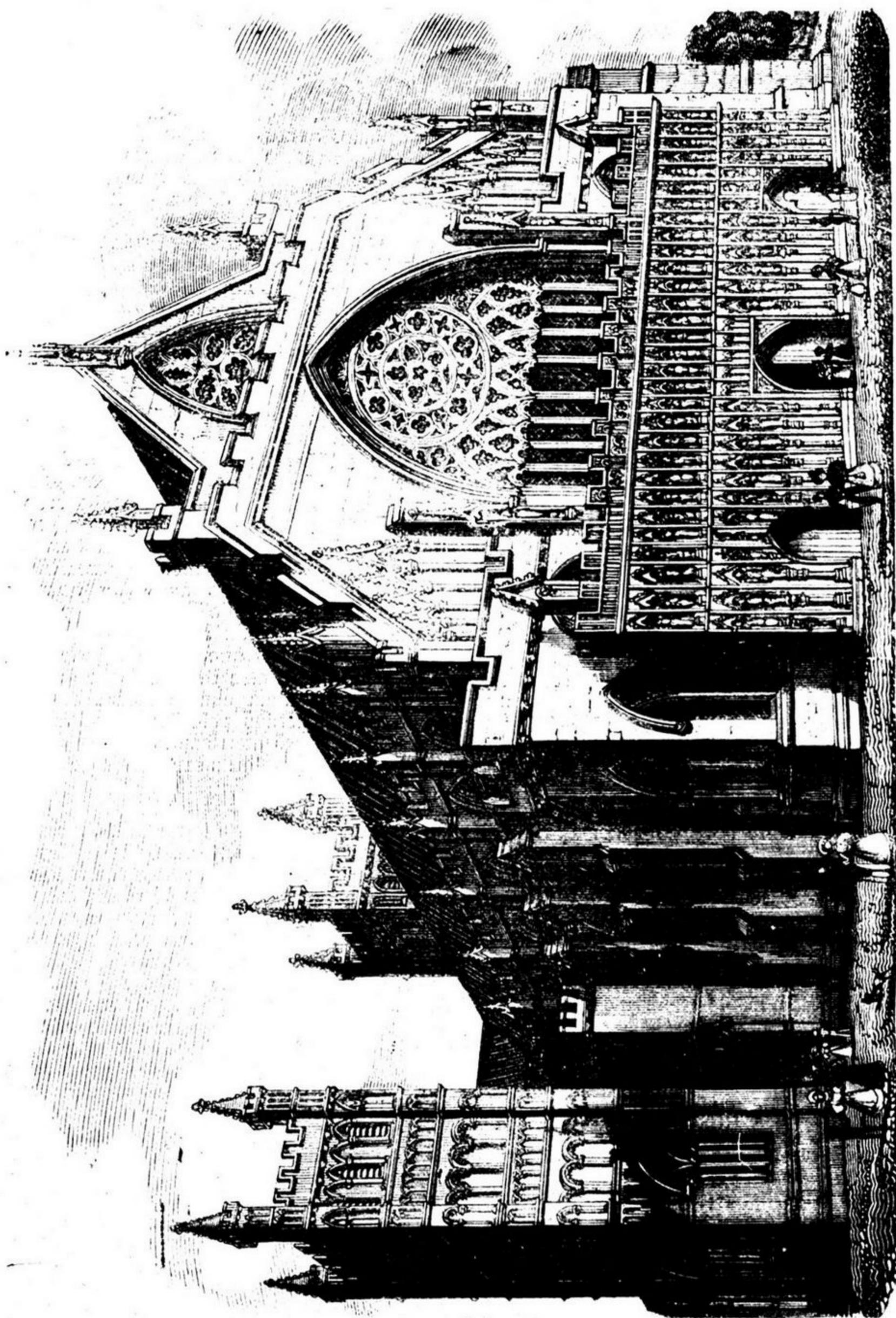
O commercio, no apuro de rivalidade em que hoje está collocada a civilisação, assenta em tres grandes bases: *o melhor fabrico; o preço mais commodo; a extracção facil e variada.* Para se conseguir o primeiro *desideratum*, são necessarioes o amor do trabalho, a instrucção dos operarios, e invenções uteis — que abram á industria novas fontes de riqueza. No preço barato das mercadorias influem, não só os elementos que deixamos apontados, senão tambem as pautas das alfandegas, a natureza e quantidade dos impostos, o estado da marinha, e o machinismo — mais ou menos aperfeiçoado. O terceiro elemento demanda os maiores desvêlos da parte dos governos em abrir mercados ao longe, em assegurar protecção por meio de tratados, em animar e proteger a navegação, e em crear estabelecimentos ultramarinos.

— No artigo immediato diremos duas palavras ácerca da seguridade do commerciante, e da liberdade das transacções, condições indispensaveis para que o commercio florêça.

JOSE SILVESTRE RIBEIRO.

CATHEDRAL D'EXETER

A cidade d'Exeter, que os romanos chamavam *Isca Damnoniorum*, está situada sobre o rio d'Exc,



Cathedral of Exeter

donde deriva o seu nome moderno. Exe ou Isk é uma antiga palavra bretã que significa *agua*. Muitos mosteiros foram alternadamente fundados ou destruidos no terreno occupado hoje pela cathedral. Foi Eduardo o Confessor que, reunindo os bispos de Cornwal e de Devon, lixou a re-

sidencia do bispo em Exeter. O primeiro titular foi Leorfrie que era tambem lord chancellor.

A egreja, então dedicada a S. Pedro e a S. Paulo, não conservou senão o primeiro santo por padroeiro. Era primeiro pouco espacosa, tendo apenas setenta pés de longo. Warlewast, bispo

normando, augmentou-a, e em 1107 pôz os fundamentos do côro, e julga-se poder attribuir-se-lhe tambem as altas torres do norte e do sul, que subsistem ainda. A opposição de Rivers, conde de Devon, aos direitos do rei Estevão espalhou na cidade as calamidades do assedio. Muitos monumentos foram incendiados, e entre estes a cathedral. Durante um periodo de cento e quarenta e dois annos, sommas consideraveis foram consagradas a reparações, mas parece que estes trabalhos parciaes não foram de utilidade alguma, pois o bispo Quivil, que occupou a cadeira em 1280, é tido por quasi todos os escriptores como o fundador d'esta cathedral, que tem um logar distincto entre os monumentos celebres. Suppõe-se que, quando construíram o côro, se serviram das antigas paredes, abrindo-lhes janellas mais amplas. A conservação das duas torres apresentava grandes difficuldades, as quaes foram sobrepujadas com rara habilidade. O plano de Quivil era muito extenso para que elle podesse vel-o executar todo, mas os seus successores seguiram-o com tanta exactidão que aquelle immenso edificio parece a criação de um instante e o desenvolvimento de um só pensamento e foi concluido pelo bispo Grandison, que occupou a cadeira em 1327. Este prelado ajuntou dois arcos ao oeste da nave e fez construir uma pequena capella, que devia servir-lhe de sepultura. Deve-se-lhe tambem o portal do poente, que a nossa gravura representa. Não podemos deixar de notar que se separa, apesar da sua belleza, da imponente simplicidade que caracteriza o resto do edificio. As estatuas do primeiro renque representam reis e rainhas debaixo de doccis, e em pedestaes sustentados por anjos. Todas as figuras do renque superior estão de pé excepto uma só, que é um rei, que está sentado. Vê-se por cima do portal a grande janella do oeste, que se admira pela fórma e pela riqueza dos seus ornamentos, mas os vidros são modernos.

A cathedral d'Exeter tem trezentos pés de longo e setenta e seis de largo. A sua altura até á volta é de sessenta e nove pés e a das torres normandas de cento e trinta. É construida de pedra, e as columnas de marmore. A torre do norte tem um relógio muito curioso dado por um bispo da familia dos Courtenay pelo anno de 1478. O mecanismo e o acabado dos ornamentos são notaveis. A terra está ao centro, a lua faz o seu giro no espaço de um mez, mudando de aspecto seguindo as suas phases, que são marcadas no circulo interior. Um outro globo representa o sol, que indica as vinte e quatro horas. A inscripção relativa a estas horas: *ellas passam mas são contadas*, é cheia de uma melancolica expressão.

Ao lado do norte da nave, uma especie de tribuna de pedra se avança ao baixo de um arco vestido por uma cornoija; a fachada, que é dividida em doze *stales*, é ornada de figuras de anjos. O orgão passa por ser o mais melodioso de Inglaterra. A cathedral contém tambem monumentos notaveis pela antiguidade e pelo merito da execução, entre outros os tumulos dos bispos, etc.

Setenta e tres prelados occuparam a cadeira d'Exeter. Nota-se entre elles George Neville, que foi bispo em 1458, não tendo ainda 25 annos e chanceller antes de ter completado 28.

A LAMENTAÇÃO DO TASSO

De Lord Byron

I

São bem longos os annos... Pesam na fibra irritavel do filho da lyra; refream seu vôo d'aguia, estes infindos annos d'ultrajes, de calumnias e de injustiças. Supportei uma accusação de demencia, tenho soffrido uma prisão solitaria, e nella a sêde de ar e de luz, cancro devorante da alma ulcerada; uma grade aborrecida que, interceptando os raios do sol, deixa subir ao cerebro, pela pupilla convulsiva, uma ardente sensação de fadiga e tristeza. Hei visto enfim o mais arido captiveiro ameaçar-me no lumiar d'aquella porta que jámais se abre inteira, e, nem aavez d'aquelle estreito postigo, admitte mais que estes alimentos sem sabor que me pareceram de um tão inteloravel amargo, em quanto me não habituei a tomar o meu alimento como uma fera, triste e só, deitado 'neste antro que é o meu covil e talvez a minha sepultura. Todas estas cousas me têm arruinado, arruinar-me-hão ainda, mas eu devo supportal-as. Não cedo ao desespero, porque tenho lutado contra a propria agonia: fabriquei azas que me têm transposto fora do estreito recinto do meu carcere; libertei o Santo Sepulcero, vivi no meio dos homens e dos objectos divinos, e o meu genio pairando sobre a Palestina cantou a guerra sagrada, emprehendida pelo Deus que habita a terra e que está nos ceos, por esse Deus ao qual aprouve fortificar minha alma e meu corpo. Assim de merecer o meu perdão pelos meus soffrimentos, tenho empregado o meu captiveiro em celebrar a conquista que resgatou o sanctuario de Solyma.

II

Mas está terminada esta tarefa... Acabou-se este trabalho cheio de encantos... O fiel amigo que me amparaste longos annos, se a tua ultima folha ficou humida de minhas lagrimas, sabe que as minhas desgraças não me arrancaram uma tão só. Mas tu, ó minha joven producção! ó filho de minha alma, tu que vinhas junto de mim brincar e sorrir-te, e cujo meigo aspecto me arrancava ao pensamento de meus males, tu tambem me deixaste... e contigo me deixou a consolação; e é porque eu choro, é porque o meu coração goteja, como a vergontea já batida que recebe um ultimo golpe. Depois de ti, que me restará?... porque eu tenho ainda dores a padecer... e como? Não sei... mas ha em meu espirito um vigor innato que será o meu apoio. Não me tenho deixado abater, porque nada tinha a exprobar-me. Chamaram-me insensato... e porque? Ó Leonor! não és tu quem deve responder? Sim, meu coração devia estar em delirio para elevar seus votos até á jerarchia do teu nascimento; mas ao menos esta loucura não enfermava a minha intelligencia; comprehendia a minha falta e, se supportei a minha pena sem curvar, não é porque a sinto menos. Tu eras bella, e eu não era cego: tal é o crime que me separa da humanidade: mas, quer elles me persigam, quer me torturem a seu gosto, meu coração pode multiplicar ainda a tua imagem. O amor feliz perde-se pela sociedade: os infelizes são os amantes fieis: o seu destino é ver extin-

guirem-se todos os seus sentimentos, salvo um só, e absorvem-se todas as suas paixões em uma paixão unica, como os rios correm a confundir-se no Oceano; oceano que para elles não tem limites nem praias.

III

Sobre a minha cabeça, escutai! escutai os gritos prolongados e frenéticos d'aquelles cujo corpo e cuja alma estão igualmente captivos. Escutai os acoites e os lamentos que redobram, e as blasphemias meio articuladas. Aqui ha homens infectados de um mal peor que a demencia, homens que se aprazem de atormentar almas já muito padecentes, de obscurecer por meio de torturas inuteis a pouca luz que lhes resta ainda: porque a felicidade do tyrano consiste no excesso dos tormentos que inflige. Vejo-me ao mesmo tempo cercado d'estes algozes e de suas victimas; é no meio de taes murmurios, no meio de taes espectaculos que tenho vivido estes longos annos, que talvez termine a minha vida: pois bem! seja... então ao menos... repousarei.

IV

Tenho sido paciente, devo sel-o ainda; a minha memoria perdeu metade dos thesouros que d'ella queria apagar: mas voltam-me as lembranças... Oh! que não possa eu esquecer como me esquecem. Será pois necessario perdoar áquelles que me impozeram por habitação este hospital de todos os males, onde o riso não é uma alegria, nem o pensamento um juizo, nem a palavra uma linguagem, nem o homem em fim uma fracção da humanidade; onde as injurias respondem ás maledicções, os gritos ás affrontas; onde cada victima é torturada em um inferno distincto? Porque aqui somos numerosos, mas entre nós ha paredes que, separando-nos, enviam no echo todo o balbuciar da demencia. Todos ouvem, mas nem um só escuta a voz do seu visinho... Nenhum, excepto um só, o mais desgraçado de todos, o que não merecia ter semelhantes companheiros nem ser assim recluso entre doentes e insensatos. Será pois forçoso perdoar áquelles que me algemaram aqui, que me têm aviltado na opinião dos homens, privando-me do uso da minha intelligencia, affligindo a minha existencia no ponto mais glorioso da minha carreira, e marcando com um ferro em braza todos os meus pensamentos como perigosos e fataes? Não lhes infligirei eu a meu turno estas mesmas torturas, não lhes ensinarei o que é a agonia que suffoca, o esforço interior da quietação que se impõe e o frio desespero que contamina os progressos do stoicismo? Não... sou muito altivo ainda para me vingar: quem perdoou os insultos dos principes, saberá tambem morrer. Sim, irmã do meu soberano, eu quero arrancar de meu peito toda a magua: que tem ella a fazer onde tu habitas? Teu irmão está cheio de odio... eu não o posso conceber. Tu não tens piedade; e eu, além de amar, nada mais posso.

(Continua)

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

TEMPLO DE SALOMÃO

Salomão, gosando d'uma paz profunda, resolveu edificar um templo ao Senhor: este edificio,

construido sob o modelo do tabernaculo ou templo portativo de Moysés, mas mais amplo, mais rico, todo resplandecente de ouro e de materiaes preciosos, excedia em magnificencia e em belleza todos os que se tinham elevado, até então, ao Ser Supremo. Mais de cento e cincoenta mil homens tinham cooperado para a sua construção, que custou sommas immensas. Cumberland avalia-o em oitocentos e sessenta e um milhões e alguns centenaes de mil libras; Bernard Lami, em mais de quatrocentos mil milhões, o que excedia todo o dinheiro que podiam possuir todos os reis do oriente reunidos. O templo foi começado no anno 480, depois da saída dos filhos de Israel do Egypto, 4.º anno do reinado de Salomão, e concluiu-se sete annos e meio depois. Todo o povo de Israel assistio á sua consagração.

(30 de outubro, 1000 antes de J. C.)

O PADRE ANTONIO VIEIRA

admiravel pela propriedade de expressões nas cousas da navegação e da guerra

Nunca será demais estudar os classicos, no tocante ao modo porque exprimem o pensamento — nos diversos assumptos de que tratam. Maiormente, porém, cumpre tomar nota das expressões de que se servem, quando, ou *ex professo*, ou por incidente, se occupam de especialidades ponderosas, que demandam precisão e propriedade de linguagem.

Um escriptor — tal como Vieira — paga bem o trabalho de um exame demorado, pois que em pontos de linguagem é indisputavelmente um mestre authorisado. E, note-se bem, não é sómente um modelo, no que respêta á expressão de pensamentos religiosos, moraes, ou politicos; consultado deve tambem ser como exemplar n'outras provincias do mundo intellectual. Tivemos já occasião de o apresentar como insigne pintor da natureza, abonando o nosso juizo com uma série de passagens das suas obras; e agora vimos demonstrar, recorrendo a identico genero de prova, que até nas cousas da navegação e da guerra é admiravel a propriedade das expressões consagradas á exposição de assumptos especialissimos, em que toca por incidente nos escriptos que legou á posteridade.

¿Como poderá explicar-se que um religioso, essencialmente estranho ás profissões que presuppõem conhecimentos technicos, nos offerece termos apropriados e um geito de phrase, que os especialistas não engeitariam? É porque o Padre Antonio Vieira, sobre possuir uma alta intelligencia, esmerava-se em pintar vivamente com a palavra tudo quanto tinha que descrever, ainda nos assumptos que não eram da sua competencia professional. Em todo caso, acertava o illustre jesuita de poder copiar das suas reminiscencias as descrições maritimas, como quem eslava familiarisado com as ondas, e com os navios que sulcavam o oceano. A lição dos livros, o instincto do genio, e as batalhas e assédios que houve no seu tempo deram-lhe a luz bastante para penetrar os segredos da guerra, e para os explicar com acerto.

¿Quem seria capaz de se exprimir mais apropiadamente, do que o Padre Antonio Vieira, na seguinte passagem:

= A não que não dá pelo leme, e toma por davante, muito arriscada vai a encalhar em um baixo, ou em se romper em um recife. =? (VI. 341.)

¿ Quem lograria pintar mais vivamente a realidade das cousas, do que as estamos -- como que vendo n'este pequeno quadro:

= Que succede ao baxel, que vá do porto forçando contra o vento? Um bordo o leva para o Levante, outro para o Poente; um para o Norte, outro para o Sul, sem se poder apartar da terra. =? (VII. 17.)

Mas, o que é grandemente notavel, é o modo engenhoso porque se enlacam estes esboçtos de scenas maritimas com a doutrina religiosa que o padre Antonio Vieira pretende inculcar. Ao precedente trecho segue-se immediatamente esta interessante applicação:

= Assim se não podia apartar o nosso divino Amante (*Christo, na Ascensão*), porque nos deixa n'ella (*na terra.*) *Um rão o levava para o Oriente, outro rão para o Occaso, sem lhe consentir a força do affecto que seguisse a derrota do Céu (posto que do Céu) em direitura.* =

Nenhuma lingua poderá apresentar expressões mais apropriadas e energicas, do que aquellas de que se serve o nosso classico, ao traduzir uma passagem de Santo Ambrosio -- no commentario do versiculo 1.º do 1.º Salmo:

= Todos imos embarcados na mesma não, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo: e assim como na não uns governam o leme, outros marcam as vélas: uns vigiam, outros dormem: uns passam, outros estão assentados, uns cantam, outros jogam, outros comem, outros nenhuma coisa fazem, e todos igualmente caminham ao mesmo porto: assim nós, ainda que o não pareça, insensivelmente imos passando sempre, e avisinhando cada um ao seu fim. = V. 21 e 22)

Vejâmos agora se tambem nas cousas da guerra encontramos a mesma propriedade de expressão, a mesma precisão de linguagem.

= O monte Syon da Bahia não ha duvida que é este monte, em que estamos, posto que ao principio tão mal fortificado; depois tão forte, e inexpugnavel, como as baterias, e assaltos do inimigo, tanto á sua custa, experimentaram = (VI. 98.)

= As armas com que vencemos o inimigo, visivelmente eram meneadas pelas mãos dos nossos soldados na terra, e invisivelmente pelas mãos de todos os santos no Céu. = (Id. 102.)

= e taes foram os tiros, e as ballas, que choveram sobre a nossa cidade, depois que o inimigo assentou as suas baterias. As ballas que se atiravam ás nossas trincheiras por linha tendente, e a ponto fixo, ordinariamente ficavam enterradas nas mesmas trincheiras; mas as que se lançavam contra a cidade, como iam por elevação, voavam por cima dos muros, e caíam como chuva do Céu, sem nenhum reparo humano, mas com milagrosos effectos da protecção Divina. =

= Os tiros da artilharia inimiga que se contaram, foram mais de mil e seiscentos, e cho-

vendo a maior parte d'elles sobre a cidade, que faziam? Uns caíam saltando, e rodavam furiosamente pelas ruas, e praças; outros rompiam as paredes, outros destroncavam os telhados, despedindo outras tantas ballas, quantas eram as pedras, e as telhas: e foi cousa verdadeiramente milagrosa, que a nenhuma pessoa tomassem, nem ferissem, nem ainda tocassem dentro da cidade, etc. = (Id. 106.)

Ainda mais:

= Se o inimigo queria render a cidade por assedio, porque a não cingio, e cerrou por fóra com as linhas de circumvallação; porque ao menos não intentou fortificar-se nas tres iminencias que a dominam; mas se reduzio todo a um quartel? = (id. 107.)

= Mas não era menos digno de admiração, que no mesmo tempo, em que as praças fortes artilhadas, e presidiadas, espontaneamente se entregavam, só a trincheirinha de Santo Antonio, aruinada, aberta, e quasi razea com a terra mostrasse espirito de resistencia! Puzemos em uma das suas aberturas uma unica peça assentada sobre a terra nua, e desigual, sem esplanada, ou outro pavimento fixo, em que pudesse correr, e posto que ao desparar se enterravam as rodas, com este só tiro, que podia parecer reclamo aos contrarios, para que a mandassem render, etc. = (Id. 113.)

— ¿ Estará esgotado o assumpto? — Muito longe d'isso; seria necessario encher longas paginas para citar o muito que ainda falta. — O nosso intento foi sómente chamar a attenção dos leitores para o estudo de Vieira sob os dois aspectos, que apontámos n'este artigo e no antecedente, — considerando-o como insigne pintor da natureza, e como admiravel na propriedade da expressão nas cousas da navegação e da guerra. Falta-nos sómente apresental-o como conhecedor das bellas artes, e excellente interprete n'esta ultima especialidade. Será isso objecto de outro artigo.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

O PLANETA URANO

Foi descoberto por Herschel, a 13 de março de 1781. Este planeta gasta trinta mil seiscentos e noventa e oito dias, ou mais de oitenta e quatro annos para fazer a sua revolução em volta do sol, do qual está afastado seiscentos e sessenta e dois milões cento e quatorze mil leguas. A sua menor distancia da terra é de seiscentos e vinte e um milões de leguas. Tem, pelo menos, oitenta e duas vezes mais o volume da terra. O seu diametro é de doze mil duzentas e doze leguas. Percorre uma orbita de dois mil e quatrocentos milões de leguas, girando sobre si mesmo, em dez horas, pouco mais ou menos. A sua massa, a respeito da terra está na razão de dezesseis para um. O sol deve parecer-lhe quatrocentas vezes menor do que a nós. Mas em compensação d'esta distancia prodigiosa, o Creator deu-lhe seis satellites que o acompanham no seu curso, e reflectem n'elle os raios do sol, como fazem os satellites de Jupiter e Saturno a respeito d'esses dois outros planetas.